

---

---

## Preconceito racial na pesquisa universitária Racial prejudice in university research

---

---

ALESSANDRA DOS SANTOS RODRIGUES<sup>1</sup>  
ANDREI AUGUSTO DA SILVA<sup>1</sup>  
DALVA OLIVEIRA SILVA ANTONIO<sup>1</sup>  
FERNANDA COSTA LUZ ROSSI<sup>2</sup>

**RESUMO:** O tema do preconceito é sempre vigente, e tem ocupado os noticiários de TV, jornais e revistas, e tem sido tema para discussões e pesquisas. Partindo da idéia de que o preconceito é comum, o presente artigo tem por objetivo propor a análise do preconceito racial, do ponto de vista social. Levando em consideração que o preconceito é comum, corroborando assim para a expressão cada vez mais sutil do presente preconceito, parece de extremo valor, compreender o tema, corroborando em uma visão social sobre o tema, entendendo as condições e situações em que estão inseridos as vítimas de preconceito, partindo de uma concepção multicausal para explicar o tema, sendo que o preconceito está presente nos âmbitos social, cultural e psicológico.

**Palavras-chave:** Preconceito. Universitários. Preconceito Racial.

**ABSTRACT:** The topic prejudice is always actual, occupying the TV news, newspapers and magazines, and it has been topic of discussions and researches. Starting from the idea that prejudice is common, this article aims to propose the analysis of racial prejudice, from a social standpoint. Taking into consideration that the prejudice is common, corroborating well for the increasingly subtle expression of this prejudice, seems to extreme value, it seems of great value to understand the issue, corroborating in a social vision on the issue, considering the conditions and situations around them victims of prejudice, from a multi design to

---

<sup>1</sup>Alunos do curso de graduação em Psicologia da UNINGÁ – Rua Machado de Assis, 2168, Cep 87114-100, Sarandi-PR, e-mail: lekarod@hotmail.com

<sup>2</sup>Professora da Faculdade UNINGÁ, mestre em Psicologia da Saúde.

explain the issue, and the bias is present in the fields of social, cultural and psychological.

**Key-words:** Prejudice. University. Racial Prejudice.

## INTRODUÇÃO

Diante do fato de que o preconceito é comum, na maioria das vezes quando as pessoas são abordadas por notícias sobre o tema, se identificam e têm casos presenciados, semelhante ao que se vê a todo o momento. Em contrapartida identificando-se ou não, tendo visto falar de algo semelhante ao conteúdo das notícias bombardeadas a todo o momento, que trazem a visão de quem relata ou escreve, parece de extrema valia, compreender o tema preconceito, corroborando em uma visão de cada um sobre o tema, entendendo as condições e situações em que estão inseridos os indivíduos vítimas de preconceito, partindo de uma concepção multicausal para explicar o tema preconceito.

O preconceito é tão velho quanto à humanidade, por isto se torna quase impossível sua eliminação. A palavra preconceito pode ser definida como um conceito antecipado, ou uma opinião formada sem reflexão. Mas teoricamente os preconceitos podem ficar incluídos na classe das atitudes, exibindo consequência dessa inserção. Tendem a apresentar duas características que lhes são específicas, primeiro de que se formam sempre em torno de um núcleo afetivamente negativo e segundo de que são dirigidos contra grupos de pessoas (KRUGER, 1990).

Pettigrew e Meertens (apud FRANÇA; MONTEIRO, 2005) distinguiram duas formas de preconceito: o preconceito flagrante que é direto e explícito e o preconceito sutil que tem como fundamento à defesa dos valores do individualismo da civilização, ocidental, associada a crenças de que os membros dos grupos minoritários recebem benefícios imerecidos.

Gaertner e Dovidio (1986, apud FRANÇA; MONTEIRO, 2005) designaram como racismo aversivo a forma de expressão de racismo apresentada pelos indivíduos que possuem fortes valores igualitários. Afirmam ainda que em situações ou em acontecimentos que tornam salientes atitudes negativas em relação aos negros, as pessoas tendem a repudiar ou a dissociar estes sentimentos de sua auto-imagem de igualitárias e tentar agir evitando estes sentimentos. Pode-se perceber tal afirmação, diante do fato de que muitas pessoas não admitem sentir o preconceito tanto pelo negro, como direcionados a vários outros pontos,

no entanto continuam a senti-lo de maneira “sutil”, mas o sentem em maior ou menor grau, o preconceito está presente.

## MÉTODOS

Partindo de tal pressuposto, foi realizado um estudo em duas faculdades particulares da cidade de Maringá, cujo objetivo primordial era verificar o nível de preconceito presente nos acadêmicos de dois cursos sorteados aleatoriamente para cada faculdade. Tal pesquisa contou com um público alvo de 205 acadêmicos, com idade entre 17 e 58 anos, estudantes destas faculdades e que estavam presentes em sala de aula no momento da aplicação da pesquisa, para a coleta de dados, utilizou-se um questionário com 19 questões, baseado nas perspectivas das hipóteses sobre as quais queria-se verificar que além dos dados sócio-demográficos (tipo de curso, sexo e religião), contém as escalas de rejeição à intimidade ou contato pessoal e a escala de expressão emocional.

## RESULTADOS

Após análise dos dados e correlação dos mesmos, centrando-se apenas no preconceito dirigido ao negro, obtivemos dados relevantes para a pesquisa e para a conclusão da mesma.

Assim pode-se afirmar que diante das questões do questionário que teve por objetivo direcionar o nível do preconceito ao negro, obteve-se os seguintes resultados.

### *Faculdade A – 1º anos*

Nos primeiros anos da faculdade A, onde os cursos selecionados foram ciências contábeis e administração, 3,57% são preconceituosos diante da afirmação de ter um amigo negro, enquanto que 95,24% não são preconceituosos;

Pode-se constatar que 15,49% demonstraram preconceito, enquanto 83,32% não demonstraram preconceito para a afirmação de que não seriam amigos de um negro;

Também pode-se afirmar que 96,43% da amostragem dos acadêmicos dos primeiros anos desta faculdade, não demonstraram preconceito, com relação a questão que afirmava que com certeza o acadêmico seria amigo de um negro, visto que estas questões enquadraram-

se em uma escala likert, e portanto há itens desde sempre à nunca, que indicam o preconceito dirigido ao negro.

Pode-se constatar que 96,43% nunca trocariam de médico se ele fosse negro, assim não demonstraram preconceito com relação a este aspecto, enquanto que 2,38% trocariam de médico.

Quanto a opção que questionava se o acadêmico deixaria de contratar uma pessoa pelo tom de sua pele, 96,42% dos participantes não demonstraram preconceito diante dessa afirmação, enquanto 2,39% dos participantes demonstraram o mesmo.

Diante da questão sobre a concordância de que um negro, caso eleito assumisse seu mandato de presidente da República, pode-se constatar que 95,24% não demonstraram preconceito com relação ao candidato negro, enquanto que 3,58% o demonstraram.

Ao serem questionados como procederiam diante da situação de “ao entrar num ônibus, você identifica apenas dois bancos vagos de dois assentos. Em um desses assentos encontra-se um negro e no outro verifica-se uma pessoa que demonstra, através de expressões, gestos e traje talvez sua condição homossexual”. 25% assinalaram a opção de que ocupariam o banco que se encontra o negro, 4,56% prefeririam permanecer em pé e 65,98% assinalaram que ocupariam qualquer um dos assentos. Assim pode-se afirmar que 76 pessoas não demonstraram o preconceito para com o negro, pois sentariam com ele.

Diante de uma outra questão “Você está na garagem do seu prédio, quando visualiza uma violência física entre os possíveis moradores do prédio, um negro e um branco. Um deles acusa o outro de ter roubado o aparelho de som de seu apartamento, e o outro tira uma arma ameaçando”. Quem você acha que roubou o aparelho de som? Quem você acha que tirou a arma? Assim, pode-se afirmar que 91,66% assinalaram a opção de nenhuma das opções e 8,33% assinalaram a opção que afirma que o negro roubou o aparelho de som. Quanto a quem tirou a arma, 80,95% assinalaram que nenhum dos dois tirou a arma, 14,29% assinalaram a opção que o branco tira a arma e ameaça o negro e 4,76% afirmaram que foi o negro que tirou a arma.

Ao serem questionados, sobre quais os sentimentos que provavelmente viriam à tona, mediante a aproximação de negro à noite no trânsito, pode-se verificar que as opções que mais foram assinaladas foram a opção nada, com 27,38%, o sentimento insegurança, com 21,43%, e o sentimento medo/insegurança com 16,66%, levando em consideração a permissão de poder assinalar mais de uma opção.

*Faculdade A – últimos anos*

Na mesma faculdade com os resultados obtidos com alunos dos últimos anos dos cursos de Administração e Ciências Contábeis, pode-se constatar que 67,56% afirmam que são indiferentes a ter um amigo negro. E que 18,92% afirmam que sempre seriam amigos de um negro, assim podemos afirmar, com base no que foi descrito acima, que 5,41% são preconceituosos diante dessa questão e que 94,59% não são preconceituosos.

Ao serem questionados da possibilidade de não serem amigos de um negro, pode-se constatar que 97,29% não demonstraram preconceito.

Diante da afirmação de que com certeza seria amigo de um negro, pode-se afirmar que 97,3% da amostragem total dos alunos dos últimos anos, não demonstraram preconceito, com relação a esta questão, e 2,7% o demonstraram.

Assim pode-se afirmar que 100% não demonstraram preconceito com relação a questão que interrogava se trocariam de médico se ele fosse negro.

Diante pode-se afirmar que 94,6% nunca deixariam de contratar um negro caso este seja qualificado. O que corresponde a 94,6% dos participantes não são preconceituosos diante dessa afirmação, enquanto 2,7% dos participantes demonstraram o preconceito.

Pode-se constatar que 97,3% não demonstraram preconceito com relação ao candidato negro, enquanto que 2,7 dos acadêmicos afirmaram que não admitiria que um negro assumisse a presidência da república.

Diante da questão sobre qual banco ocupariam, 21,62% assinalaram a opção de que ocupariam o banco que se encontra o negro, e 78,38% assinalaram que ocupariam qualquer um dos assentos.

Ao serem questionadas sobre quem poderia ter roubado o aparelho de som, e quem poderia fazer uso da arma, pode-se afirmar que 97,3% assinalaram a opção de nenhuma das opções e 2,7% assinalaram a opção que afirma que o negro roubou o aparelho de som. Quanto a quem tirou a arma, 86,49% assinalaram que nenhum dos dois tirou a arma e 13,51% assinalaram a opção que o branco tira a arma e ameaça o negro.

Analisando os dados, da questão onde tem por objetivo verificar os sentimentos expressos, diante da aproximação de um negro, pode-se verificar que as opções que mais foram assinaladas foram à opção nada, com 37,84%, e o sentimento insegurança, com 27,02%, e a opção menos assinalada foi o sentimento ansiedade/insegurança com 2,7% e

medo/insegurança/ansiedade com 2,7%, levando em consideração a permissão de poder assinalar mais de uma opção.

#### *Faculdade B – 1º anos*

Por outro lado ao analisar as respostas dos acadêmicos dos primeiros anos da Faculdade B, onde os cursos selecionados foram Ciências Biológicas e Psicologia, pode-se constatar que 70,76% afirmam que são indiferentes a esta questão. E que 15,39% afirmam que sempre seriam amigos de um negro, assim podemos afirmar, com base no que foi descrito acima, que 96,94% não apresentaram o preconceito neste sentido.

Percebe-se perceber que 56,92% afirmaram que são indiferente a afirmação de não ser amigo de um negro, assim podemos constatar que 83,08% não demonstraram preconceito, enquanto 13,85% o demonstraram.

Diante da questão de que com certeza seria amigo de um negro, pode-se constatar que 92,32% não demonstram preconceito, com relação a esta questão, enquanto que 1,53% o demonstraram.

Diante da questão que questionava se o acadêmico trocaria de médico se ele fosse negro, pode-se afirmar que 96,94% nunca trocariam de médico se ele fosse negro, ou seja, 98,47% não demonstraram preconceito com relação a este aspecto.

Diante dos resultados pode-se afirmar que 95,38% nunca deixariam de contratar um negro caso este seja qualificado, ou seja, não são preconceituosos diante dessa afirmação, 3,07% deixaria de contratar.

Pode-se verificar que 87,7% sempre concordam que um candidato negro seja eleito. Assim podemos constatar que 93,84% não demonstram preconceito com relação ao candidato negro, enquanto que 6,16% não concordariam.

Analisando as respostas, 21,56% assinalaram a opção de que ocupariam o banco que se encontra o negro, 1,53% optariam por permanecer em pé, 73,85% assinalaram que ocupariam qualquer um dos assentos e 1,53% optaram sentar-se ao lado do homossexual.

Pode-se afirmar que 93,85% assinalaram a opção de nenhuma das opções e 4,62% assinalaram a opção que afirma que o negro roubou o aparelho de som. Quanto a quem tirou a arma, 69,23% assinalaram que nenhum dos dois tirou a arma e 24,62% assinalaram a opção que o branco tira a arma e ameaça o negro.

Analisando os dados, pode-se verificar que as opções que mais foram assinaladas foram à opção insegurança com 30,77%, nada com

15,92% e com 21,15% a opção medo/insegurança/ansiedade/angústia, diante da aproximação de um negro.

#### *Faculdade B – últimos anos*

Após a análise dos dados obtidos com os acadêmicos dos últimos anos dessa mesma faculdade, pode-se constatar que 94,74% afirmam que são indiferentes a questão de ter um amigo negro. E que 5,26% afirmam que sempre seriam amigos de um negro, afirma-se, com base no que foi descrito acima, que 100% não apresentaram o preconceito neste sentido.

Pode-se perceber que 63,15% afirmaram que são indiferentes a afirmação de não ser amigo de um negro, assim constata-se que 89,47% não demonstraram preconceito, enquanto 10,53% o demonstraram.

Analisando os dados, constata-se que 73,68% sempre seriam amigos de um negro. Assim pode-se afirmar que 100% não demonstram preconceito, com relação a esta questão.

Assim pode-se afirmar que 100% nunca trocariam de médico se ele fosse negro, ou seja, 100% não demonstraram preconceito com relação a este aspecto.

Diante desses resultados pode-se afirmar que 100% nunca deixariam de contratar um negro caso este seja qualificado, ou seja, não são preconceituosos diante dessa afirmação.

Pode-se verificar que 89,48% sempre concordam que um candidato negro seja eleito. Assim podemos constatar que 89,48% não demonstram preconceito com relação ao candidato negro, enquanto 5,26% o demonstram.

Analisando as respostas, 5,26% assinalaram a opção de que ocupariam o banco que se encontra o negro, 5,26% optariam por permanecer em pé e 89,48% assinalaram que ocupariam qualquer um dos assentos.

Assim, pode-se afirmar que 78,95% assinalaram a opção de nenhuma das opções e 21,05% assinalaram a opção que afirma que o negro roubou o aparelho de som. Quanto a quem tirou a arma, 89,47% assinalaram que nenhum dos dois tirou a arma e 10,53% assinalaram a opção que o branco tira a arma e ameaça o negro.

Analisando os dados, pode-se verificar que as opções que mais foram assinaladas foram à opção nada, com 47,38%, e o sentimento insegurança, com 21,05%.

## DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Levando em consideração que nos últimos tempos, a sociedade foi palco de grandes mudanças, quedas de violentos preconceitos, como o feminismo, por exemplo. No entanto, o preconceito talvez ainda seja um dos maiores problemas mundiais quando se trata das diferenças. Nenhum país conseguiu ainda livrar-se de toda e qualquer forma de preconceito. Cada um desses países cria mecanismos, leis e outras formas coercitivas para conter algo tão arraigado no homem, seja um preconceito sutil, seja um preconceito explícito todos têm preconceito em algum nível.

Assim sendo, diante do que foi exposto no presente artigo, afirma-se que o preconceito é vigente e está emaranhado na sociedade, e não é diferente quando o ambiente questionado é o espaço acadêmico, onde há diversidade de classe social, racial, religião, crenças, valores, costumes, entre outros.

De tal forma, que com tal estudo percebeu-se a presença do preconceito, independente do ano ou curso ou ainda área escolhida para atuação do indivíduo. Pode-se perceber o nível de preconceito enraizado em cada indivíduo, e não julgamos o próprio e nem apontamos o preconceituoso como o culpado por tal manifestação hostil, pois o preconceito é velho e presente na sociedade, portanto, faz-se necessário talvez um trabalho com novos cidadãos para que aprendam a lidar com a diversidade de povos, raças e culturas, sem designar o melhor ou pior, o superior ou inferior dos indivíduos.

Partindo dessa idéia e levando em consideração que a família é o primeiro grupo social do qual estamos inseridos e conseqüentemente fazemos parte, não seria assim absurdo observar que muito do que manifestamos em nosso comportamento hoje talvez estejam ligados a hábitos adquiridos na nossa infância e que repetimos automaticamente e nem nos damos conta da nossa posição em algumas situações, não refletimos apenas repetimos, assim sendo acredita-se que um investimento por parte das futuras e porque não das já instituídas famílias em rever conceitos e classificações assim como estas respeitando e compreendendo a singularidade de cada sujeito, e que estes também rompam paradigmas pré-estabelecidos e que estejam em constante transformação frente às situações propostas a começar pela visão sobre o preconceito, possa haver uma dissipação positiva do tema preconceito e que este seja não subtraído, mas sim muito mais compreendido e que assim possamos viver bem e melhor com as diferenças, tendo estas, não

como obstáculos negativos, mas sim naturais, assim como a singularidade aceita do ser humano inserido no meio social.

## REFERÊNCIAS

KRUGER, H. **Introdução à Psicologia Social**. São Paulo: EPU, 1990.

FRANÇA, D.X.; MONTEIRO, M.B. A expressão de formas indirectas de racismo na infância. **Anál Psicol**, v.22, n.4, p.705-20, 2005.

Enviado em: fevereiro de 2009.

Revisado e Aceito: março de 2009.

